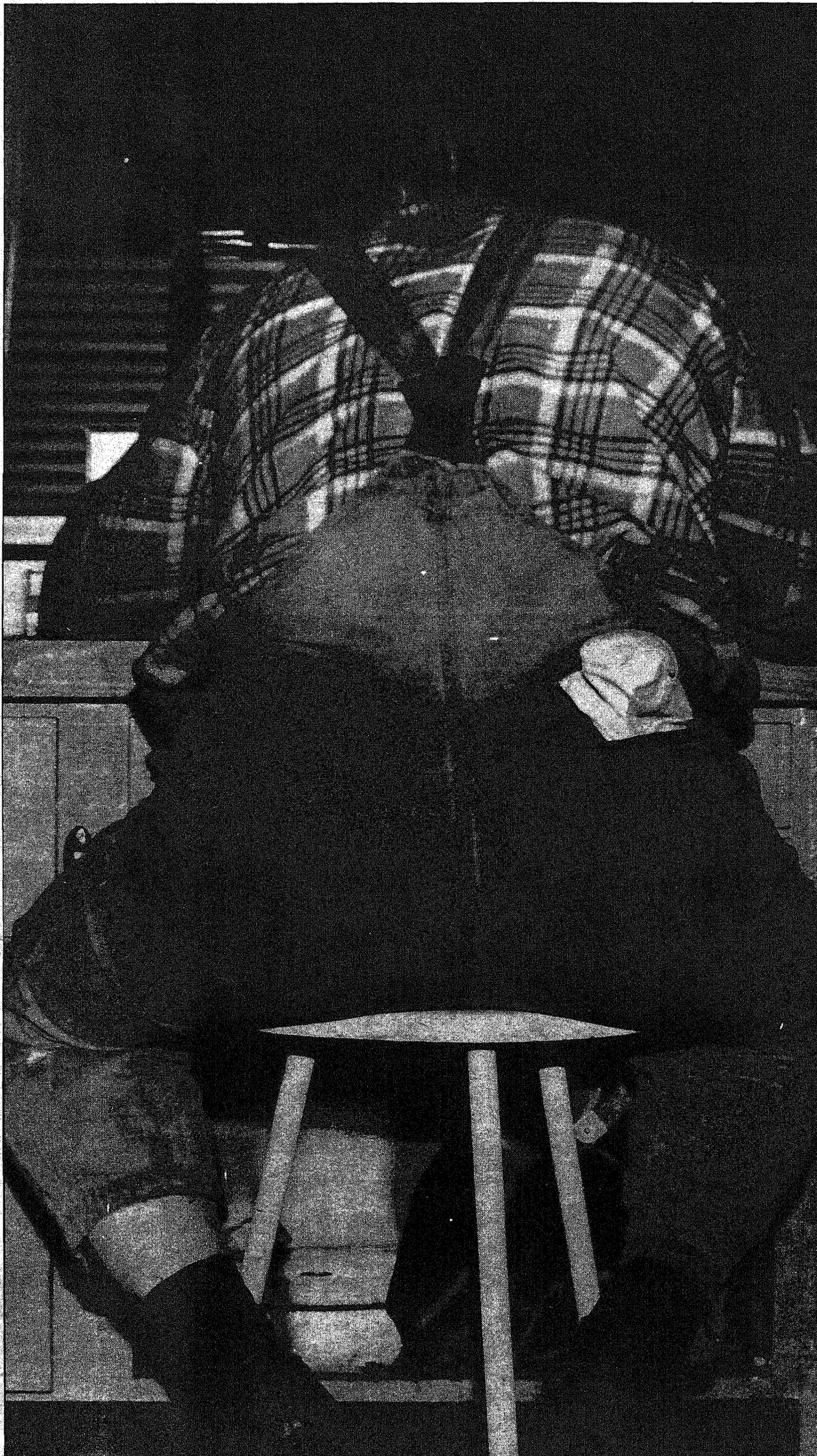


# ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

ANO V - Nº 47 - AGOSTO 79 - BLUMENAU - SC - Cr\$ 5,00



Fotografia de ALDO MULLER

*Cartas*

*Livros*

*Cursos*

*Barra Pesada*

**IVº FUG**

**DIAS: 6-7-8**  
DE  
**SETEMBRO**  
LOCAL:  
**PROEB**  
**BLUMENAU-SC**

**FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA CANÇÃO**  
AMBITO NACIONAL

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO: DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA FURB  
CO-PROMOTORES: TV COLIGADAS/CANAL 3, JORNAL DE SANTA CATARINA, TV CULTURA DE FLORIANÓPOLIS  
PATROCÍNIO:

O IV Festival  
Universitário da Canção  
promovido anualmente pelo DCE -  
Diretório Central dos Estudantes - teve  
suas inscrições encerradas dia 19 de agosto,  
depois de ter sido protelada por pedidos insistentes  
de universidades de fora do estado de Santa Catarina.  
Na próxima edição, divulgaremos os nomes das Canções  
classificadas, bem como o nome do júri escolhido  
para julgá-las nos dias 6, 7 e 8 de setembro.

*Artes,*

*Teatro e*

*a Página*

*Universitária*

## EXPEDIENTE ACADÊMICO

Endereço — Rua Antônio da Veiga, 140  
— Caixa Postal 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina — Brasil.

Jornal Catarinense de Cultura e Órgão de Divulgação do Diretório Central dos Estudantes de Blumenau (DCE).

Idealizado em maio de 1975 e com o seu primeiro número lançado em junho desse mesmo ano.

Participou no mês de dezembro (7 meses após sua fundação) do Prêmio Parker de Jornalismo Estudantil onde foi laureado com a terceira das cinco "Menção Honrosa" distribuídas pelas Parkes Pen do Brasil em todo o território nacional.

### Fundadores

Seus fundadores são:

Oldemar Olsen Jr.  
Maria Odete O. Olsen  
Domingos Sávio Nunes  
Roberto Diniz Saut  
Fred Richter  
José Luiz Dias de Souza

Nasceu de uma necessidade urgente de constituir-se um órgão que veiculasse opiniões, críticas e pensamentos que conduzissem ao debate, à polêmica e outras reflexões construtivas capazes de transformarem.

O Acadêmico é conhecido hoje em todas as Universidades brasileiras e mesmo, em algumas estrangeiras: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Chile, Peru, Portugal e Argentina. Também fez nome nos círculos intelectuais em Santa Catarina e Brasil.

Jornal sério que se propõe dentro de suas limitações, constituir-se sempre num veículo de idéias e de cultura; para isso, está com suas portas sempre escancaradas.

**Diretor Responsável** — Oldemar Olsen Jr.

**Jornalista Responsável** — Honorato Tomelin Cart. n.º 37

**Redatores** — Maria Odete Onório Olsen, Roberto Diniz Saut, Domingos Sávio Nunes, Fred Richter.

**Desenho e Arte** — Silvío Braga (Magru), Otto (Fritz).

**Diagramação** — Júlio Augusto Souza

**Dpto Comercial** — Estevam Júnior

**Colaboradores** — Blumenau — Lindolf Bell, Gervásio Luz, Norton de Azambuja, Eulália Maria Radtke, Beatriz Niemeyer Vilson do Nascimento, Bráulio Maria Schloegel, Edith Kormann, Enéas Athanázio, José Endoença Martins, Carlos Braga Mueller.

**Florianópolis** — Pinheiro Neto, Lauro Junkes Carlos, Ronald Schmidt, Holdemar de Menezes, Theobaldo Costa Jamundá, Osmar Pisaní, Emanuel Medeiros Vieira, Odir Nascimento, Celéstino Sachet Glauco Rodrigues Correa, Flávio José Cardozo.

**Joinville** Carlos Aduato, Vieira Alcides Buss

**Campos Novos** — Artêmio Zanoni

**Brusque** — Inês Mafra Luiz, Jorge Buss, Urda A. Klueger.

**Chapeco** — Marcos Antônio Bedin

**Lages** — Wilson Antunes Júnior

**São Paulo** — Ignácio de Loyola Brandão, Rêricles Prade, Plínio Marcos.

**Rio de Janeiro** — João Antônio, Marcos Konder Reis, Maura de Senna Pereira, Moacyr Felix.

**México** — Raimundo Caruso

**Estados Unidos** — Teresinha Pereira

**Porto Alegre** — Antônio Hohfeldt, Marcelo Rech.

**Curitiba** — Pedro A. Grisa, J. Jacobs Pulls.

**Londrina** — Domingos Pellegrini Júnior

**Jaraguá do Sul** — Augusto Silvío Prodöhl.



## PARTICIPAÇÃO ATUANTE E AUTÊNTICA

Prezado M000

Dias atrás publiquei um poema teu, em página literária que dirijo nos Diários Associados. Aqui fico no aguardo de tuas notícias e mais poemas e trabalhos para serem publicados. Agora temos o espaço, vamos publicar e fazer crescer e expandir essa participação atuante e autêntica, a NOVA LITERATURA DE STA. CATARINA.

Com um abraço ROSEMARY  
MUNIZ MOREIRA FABRIM  
Florianópolis - SC.

## NACIONALISMO GRÁFICO



## FALANDO DE SEXO EM TEOREMAMBO

Travesti, transexuais, homens das cavernas, bissexuais, machões e machistas, michês, Papais-Noel poderastas, onanistas, gigolôs, sodomitas, políticos prepotentes ou venais, altos executivos enrustidos, etc., são os personagens de

## CARTAS CARTAS CARTAS CARTAS CAR- CARTAS CARTAS CARTAS CARTAS CAR

"TEOREMAMBO" (delito delirante para coro e orquestra), novo livro de Darcy Penteadado que a Editora Cultura - em colaboração com o Jornal Lâmpião - lançaram em julho no "Happy Days", Av. Faria Lima em São Paulo -

O evento sócio-político-cultural teve como madrinhas as senhoras Dercy Gonçalves, Consuelo Leandro e a senhorita Vera Abelha.

## ENTRE OUTROS BABADOS, DINÂMICO E CRIATIVO

Prezado 00J

Embora pessoalmente não me conheças, tomo a liberdade de enviar-te um artigo, a título de colaboração, que gostaria de publicar no ACADEMICO.

Na qualidade de escritor de horas vagas, gosto de escrever críticas e artigos sobre administração e outros babados dessa natureza, tal como outros artigos já publicados no Acadêmico, de minha autoria.

Envio-te as congratulações por manter o Jornal ACADEMICO dentro de um padrão dinâmico e criativo, vindo ao encontro das aspirações da classe estudantil e de outros que, como eu já tenham enfrentado os bancos da FURB ... Atenciosamente OTTO JAIME FERREIRA

Blumenau - SC

OBS.: O artigo em questão foi publicado na edição anterior ver página 8.

## A DIVULGAÇÃO DO CONCEITUADO ÓRGÃO DE IMPRENSA

A Fundação Casa do Estudante do Brasil, fundação de assistência, intercâmbio e cultura, em decorrência de seu cinquentenário (1929-1979) está realizando o I CONCURSO NACIONAL DE POESIA para estudantes do 2º Grau, Universitários e Pós-Graduação, conforme regulamento anexo.

Muito agradeceríamos se este conceituado órgão de imprensa colaborasse com esta promoção, publicando o Regulamento e divulgando entre os diversos Departamentos de Ensino desta cidade.

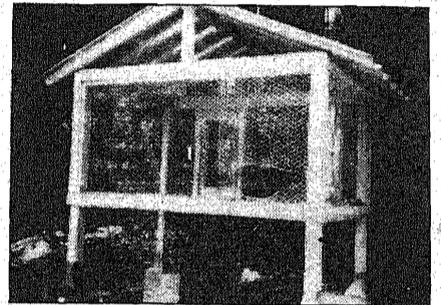
Certos de contar com seu apoio,

subscrevemo-nos.

LENYR ELISA BARBOSA - Assessora de Promoção da Fundação Casa Do Estudante do Brasil - Rio de Janeiro - RJ.

OBS: O Regulamento do Concurso foi publicado com grande destaque, ver a última página da edição de junho - N.º 45.

## OUTRAS CONOTAÇÕES PARA A ABERTURA



## DE IDÉIAS E DE LIVROS

Caro amigo O.

Agora que tenho um pouco mais de tempo (de sobra) aqui em Florianópolis (já me ajitei), aproveito para me colocar à disposição do ACADEMICO...

...Como vai "OUTROS CATARINENSES ESCRIVEM ASSIM"? já li muitos comentários nos jornais a respeito de mais esse lançamento. Parece que todos estão ansiosos para conhecer a obra.

Por hoje é só, um abraço CELSO VICENZI

Florianópolis - SC

obs.: As tuas idéias e sugestões são ótimas. Suprimimos essa parte na publicação de tua correspondência para que "concorrência - pouco criativa" se aposses delas (as idéias).

Quanto a obra: OUTROS CATARINENSES ESCRIVEM ASSIM desde que lançamos a idéia de organizar tal livro no decorrer do IV Encontro de Autores Catarinenses em Itajaí - a mesma ganhou notoriedade, tomando-se em conta a agressividade do título e a polêmica em torno dos autores participantes.

O lançamento será festivo - logo após o Festival Universitário da Canção - sem ninguém para empanar o maior evento do gênero aqui em Blumenau... - E isso eu garanto. OO!

## ACADÊMICO

CP 1124 - 89100 - BLUMENAU - SC

**CHAMADO DO ANUAL PARA FORA DE BLUMENAU**

**Assinaturas**

NOME \_\_\_\_\_

RUA \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_



Nova Geração de Máquinas  
31-E, 32-E e 33-E

ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA  
COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX  
ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

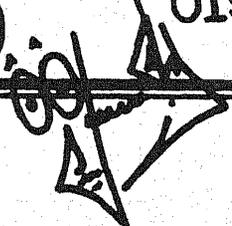
Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296  
Blumenau Santa Catarina

# — BARRA PESADA —

## Infim, um escritor

### Conhecido.

Oldemar  
 Olsen  
 Jr.



Uma "Noite de Autógrafos", já tornou-se um fato corriqueiro — mesmo assim — algumas pessoas insistem em fazer do evento algo diferente em que só os "eleitos" sentem-se participes e plenamente integrados.

Tempos atrás, não o suficiente para que o autor seja confundido com os fatos e nem tão distante para tê-los esquecido, fora convidado para mais uma dessas — supunha eu — esdrúxulas cerimônias em que o requinte do ambiente substitui outras eventuais deficiências — mormente intelectuais — Onde a sofisticação, a parcimônia e a empáfia prostituem-se mancomunadas num mistico de desespero e solidão, onde medram os extremos — um por falta: o tato, e o outro por excesso: o ridículo, e onde o autor sempre constitui-se — quando consciente — numa peça fora do tabuleiro, de grande valor, todavia, ausente do jogo.

Fora, densamente chovia, e nós, lá dentro acotovelando-se com o olhar e desculpando-se logo em seguida com a aquiescência silenciosa de nosso medo.

Era o medo de ser descortês, medo de ser visto só, medo de ser surpreendido como um antropólogo fazendo análises — ainda que psíquicas — de um mesmo folclore em outro nível — mas puramente humano — demasiadamente humano para não ser enquadrado naquela taxionomia em que todas as forças de meus cinco sentidos teimavam em sistematizar.

Eu vi o autor — meticulosamente vestido — naquela indumentária insolente, agredindo o cotidiano monótono em que nós drasticamente vivíamos.

Ele estava cômico de sua importância histórica naquele momento — poderia ser efêmera — mas era por causa dele que estávamos ali.

Conversando ora aqui, ora acolá, com todas as etnias possíveis dentro daquele nicho onde modoravam bem a fauna urbana do conturbado social. Era a convivência dos contrários.

Eu sempre repetia para mim essas idéias com o intuito de preparar-me emocionalmente para prote-lar eventuais surpresas.

Em um canto qualquer, logo depois da entrada, avolumavam-se alguns livros que iriam ser autografados naquela noite.

Aprecio muito a pontualidade, por isso, 30 minutos antes do horário convencional pré-estabelecido já estava — num lugar estratégico — observando todo o elemento entrante no recinto.

O dia fora, certamente, mal escolhido (embora eu ignorasse as circunstâncias originais daquela escolha), porque na mesma noite havia uma importante partida de futebol em que a Seleção Brasileira enfrentaria outro clube latino americano pela Copa América.

Confesso não morrer de paixões pelo futebol, jamais trocaria um evento cultural por outro esportivo, mesmo que — com aquela importância — ainda algum resquício de falso nacionalismo pudesse, no enlevo das circunstâncias, tentar manifestar-se em mim, e insidiosamente nivelar-me na confusão da turba.

No princípio, o pessoal ia chegando, procuravam logo o autor, compravam um livro, autografavam e afastavam-se parcialmente, tomando parte de grupelhos mais ou menos hierarquizados ora por profissões, ora por classes sociais, por lazer ora ainda, pela indolência do ócio incorporado ao dilettantismo oral de homens mal sucedidos.

O tempo passava morosamente, seguindo o protocolo já institucional, o horário havia sido deixado para trás, esquecido como algo subserviente de outra falha que acompanhava a burocracia ridícula do atraso.

Nunca havia presenciado tamanha discrepância na convivência humana, advogados jaziam de um lado, autores socumbáticos crenes na elitização do "estar ali" abandonados, mulheres obrepticamente afastadas, e elementos outros vagueando como zumbis no recinto, buscando com insistência um semblante amigo para aplacarem a face maisá da solidão em grupo.

O ambiente, longe das visões pragmáticas sugeridas pela mente afoita ao convencional — estava simplesmente decorado, tendo — basta dizer — o essencialmente indispensável para a cerimônia.

Um saquão enorme, com paredes de um branco pálido, quadros antigos emoldurados grotescamente, um assoalho de madeira negra em que os ecos dos passos constantemente fundiam-se em simbiose com outros ruídos artificiais provocando uma sonata — do tipo clássico em três tempos — distintos entre si pelo andamento (dos passos) e pela modulação (das vozes).

Logo, seguindo minhas análises, alguém vociferou quando coisa que não entendi e todos principiaram a locomover-se em direção ao centro da sala maior.

Da ante sala, não podia ver o que estava ocorrendo, mas deduzi que a solenidade parcimoniosa e dolente iria arrastar agora em caráter oficial.

No início do falatório, quando todos estavam agrupados e atentos, vêm uma série infinda de agradecimentos duvidosos, seguidos de incômodos duvidosos, e finalmente, ultimados com aplausos duvidosos, donde pode deduzir-se que o público é excepcionalmente seletivo, riquíssimo sobremaneira de dúvidas.

As pessoas — no todo — pareciam satisfeitas, contemplavam com olhares gulosos os salgadinhos na mesa disposta longitudinalmente, onde indistigáveis gestos eram contidos na hora exata...E quando o último aplauso cessou, logo uma multidão de dedos avançaram por sobre indefesas taças de vinho e dentes vorazes esmagaram incultos pedaços de queijos.

Normalmente, os lançamentos de livros levam menos pessoas que uma vernissagem, talvez, porque no primeiro caso, é muito chato um elemento participar e deixar de adquirir uma obra, mesmo sabendo que jamais (em muitos casos) irá ler e tomar conhecimento mais profundo com o livro que comprou; enquanto, no segundo caso, uma exposição de arte, o cinismo é aceitável em função do poder aquisitivo, porque as obras são infinitamente mais caras e a não aquisição é apenas conseqüente de uma condição social.

Realizada a Abertura, todos os convivas estão conversando descontraídos, alguns comentam jubilosamente que já estão lendo a página 17 da obra tal, cujo lançamento se efetua.

O tempo, com passividade secular da eternidade, escoava lento, mas implacavelmente, e algumas dentre as quarenta e tantas pessoas presentes, começaram a inquietar-se com a proximidade da hora do jogo (Brasil e um clube qualquer do continente americano).

A agitação na massa temperamental era notória e angustiante.

Foi quando o autor, surgiu não sei de que canto, anunciando para os mais afoitos, a presença num dos meios, entre duas janelas, de um aparelho de televisão, pequeno é verdade — dizia ele — mas muito eficiente.

Os ânimos foram acalmando-se com a tranquilidade vulgarizada pela presença intrusa da televisão.

Alguém, ao meu lado, um tanto intrigado com a política, rejubilava-se com a saída do extemporâneo Simonsen e maldizia a inevitável prorrogação de mandatos; seu interlocutor, por sua vez, limitava-se em assentir com a cabeça, meneando-a para cima e para baixo.

A minha frente, um decrépito desconhecido mastiga inúmeros pedaços de queijo simultaneamente e ao mesmo tempo diz entre dentes que está inseguro no Brasil: "Tudo é diferente, ninguém respeita ninguém nesse tráfego louco"...

Quando ele — mesmo entre dentes — pronunciou essa frase, pude ver toda a arcada dental, de um amarelo mundano e os pedaços de queijo sendo triturados e dilacerados espalhando resquícios fragmentados pelas laterais da boca onde juntava-se a saliva densa, cada vez mais densa e escorria compulsivamente comandado pela língua, ora a direita, ora a esquerda.

Falava baixo, muito baixo, os sons eram ininteligíveis e quando, num ímpeto mecânico soergueu a taça de vinho tinto à boca, levando de roldão aquela massa pastosa e nojenta, pude constatar com um certo repúdio, a enfermidade das coisas terrenas.

Quando deixou a taça sobre a mesa, vi consternado a viscosidade nausebunda do queijo emiscuido no vinho, já de uma cor tinto leitosa e o sorriso feliz do paquígastrico satisfeito.

Não resistindo as visões bizarro cômicas, afastei-me e fui à janela...A chuva continuava intermitente, e naquele instante de calmaria, aspirei uma lufada de ar fresco e úmido, na tentativa de purificar os pulmões e anuviar — mesmo que — parcialmente, aquelas cenas dignas de um Império Romano no auge da decadência.

Voltava a chover agora, os pingos caíam grossos sobre a vegetação rasteira lá fora, os reflexos das luzes oriundas do interior da sala naquelas folhas verdes, translúcidas com a água da chuva, transformavam, matizavam e abriam vergas por entre aquela densa escuridão. A medida que tremeluziam

pude constatar uma mudança de cor na água, ela ia pouco a pouco tornando-se esbranquiçada, e viscosa e nojenta, e pude ver outros pedaços de queijo retorcendo-se naquilo que parecia ser a boca maldita do mundo...

Meus pensamentos foram interrompidos com um leve tocar de ombros quando pressenti uma gorda e enrugada mão em minha omoplaata...

Voltei-me, e vi a figura vetusta e flava de um ancião que me apontava um grupo de pessoas onde eu estava sendo chamado.

Lamentei, com a aquiescência flébil, ter que abandonar as visões impossíveis do inferno de Dante naquela água com aparência de leite, e talvez um certo gosto de queijo.

Contornando a mesa, pude notar outros grupos com preocupações diversas; falavam do jogo que em breve iria acontecer; de um seqüestro acontecido em Porto Alegre; de outra tortura policial esquecida nos subterrâneos ignominiosos dos porões fraudulentos, protegidos pela miopia da lei... Cega para a verdadeira justiça...

Enquanto caminhava, ouvi tudo isso, ouvi também, falarem de teatro, mas o grupo que exigia minha presença falava de crianças...O porquê daquele diálogo, ignoro...Uma maneira, talvez, de ilibar a promiscuidade do mundo...

Nesse meio tempo, ligaram o televisor. Pela maneira de reagir do pessoal, poucos haviam notado que o aparelho estava ligado, o som das vozes abafava o do aparelho.

Nós não dávamos importância ao jogo, mas, sem dúvida, o barulho no recinto havia acentuado de forma estravagante a confusão organizada que se condensava num todo disforme e bestial.

Alguém gritou, de forma que todos ouvissem: — O jogo começou!... O autor, nesse decurso, estava para lá de esquecido.

Era dramático ver o ambiente modificado daquela forma, antes, tudo era uma festa e a estrela principal encontra-se muito à vontade sendo vista aqui e acolá, sorrindo e conversando com todos.

Agora, era mais um perdido na multidão, era confundido com ela, nada o redimia do lugar comum.

Tive, algum tempo depois de constatar essa nova realidade, a nítida impressão de que o nosso autor (confirmando a hipótese de que tudo na vida é cíclico) voltava a encenar todas aquelas artimanhas, tentando emprestar o antigo colorido ao novo momento vívido intensamente de outra forma, com um desprezo total pelas ocorrências anteriores.

Inútil, porém, todos os reides encetados pelo escritor e logo o vi, calmamente aquietando-se cada vez mais morosamente entre um ou outro grupo — quase todos — compondo um todo.

Esqueci todas essas observações e voltei-me para o pequeno entourage, visivelmente afetado pelos acontecimentos que se avizinhavam rápidos e se afastavam céleres, com a mesma intensidade, em diferentes direções e com sentidos opostos.

Subitamente, vi uma aglomeração e muita gente cochichando, comentei o fato com um amigo:

— Enfim, o homem está tornando-se conhecido, com um trabalho simples, sem especulações filosóficas, sem incursões sub reptícias em assuntos inóspitos e de ambíguo entendimento; com uma linguagem pouco rebuscada e permissiva ao acesso popular; com idéias comuns, mas grandes obras tinham sido realizadas a partir de banalidades e nisso estava o segredo e a genialidade dos autores famosos e a história pontilhava com exemplos dessa natureza...

Eu estava disposto mesmo a tecer um rosário de comparações esdrúxulas, apódes que nem mesmo ousava ser capaz naquela hora, quando ele (o meu amigo) interrompeu-me bruscamente para dizer:

— Desculpe interromper esse discurso crítico a respeito desse talento memorável — que essas vás palavras perpetuem — mas o pessoal em volta quer assistir o jogo do Brasil pela televisão e o escritor conhecido a quem você se referiu — ESTÁ NA FRENTE DO VÍDEO!

Tudo isso acontecera ali dentro, enquanto lá fora, ainda, tristemente chovia.

## FARMÁCIA HOMEOPÁTICA BLUMENAU

O MAIS COMPLETO ESTOQUE DE

MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS DO ESTADO

*Os medicamentos homeopáticos são elaborados exclusivamente com produtos naturais e não ocasionam efeitos secundários.*

RUA XV DE NOVEMBRO, 1133 — FONE 22-5327

## DR. JUAN CARLOS AYALA MÉDICO HOMEOPATA

*Úlcera, Hemorróidas, Asma, Reumatismo, Nervosismo, Enxaqueca, Obesidade.*

RUA XV DE NOVEMBRO, 1336  
 ED. BRASÍLIA — 12º ANDAR — CONJ. 124

ARTES

Lindolf  
Bell

# RUBENS OESTROEM: SIMPLES, SÓBRIO

Rubens Oestroem mantém acesa a busca da simplicidade.

Uma busca apropriada, exata, sóbria, sem perder a inquietude básica do artista.

Na sobriedade da cor e da forma distorcida, um parâmetro de simplicidade sofrida e sem concessões a fáceis arroubos.

Antes de ir para a Europa, Oestroem pintava a natureza. O tema favorito era o homem do Século XX, no Vale do Itajaí. Uma fase de claras conotações expressionistas, o homem deformado na medida de sua angústia existencial e sua dificuldade de comunicação.

Fase que aos poucos transformou-se em sutil linguagem fantástica, numa formulação também, estritamente, pessoal, onde rigor de forma impediu-o de incorrer em fáceis processos pseudo-surreais.

Na exposição atual, na Galeria Municipal, nota-se o pintor na luta para redescobrir nos objetos cotidianos (cinzeiros, cachimbos, chicanas, martelos, vassouras, alicates, pincéis, etc.) uma natureza plástica. Plasticidade condenada ao invisível, pela ótica da pressa excessiva das pessoas, bem como pela falta de harmonia entre o ser humano e o mundo de objetos que o circunda em demasia na sociedade de consumo.

Tomando como tema estes objetos de uso diário, Oestroem extrai deles a beleza esquecida. São composições raras na pintura jovem brasileira. Elaboradas a partir de modelos vivos, modelos diluídos pela inquietação do artista.

Sobrevivem dos temas originais uma sequência de movimentos eliminando toda a dureza inicial. Tudo se transforma numa massa de cores, de linhas quase gestos, o desenho quase indefinido, como se o pintor tratasse de uma verdade oculta, proibida e arraigada no objeto e sua natureza silenciosa.



RUBENS OESTROEM, numa foto antes de embarcar para a Europa, com amigos: Elke Bell, Guido Heuer, Lucimar Belo Frange, Suely Ferreira, Max Hartmann, Orlando Ferreira de Mello, Lindolf Bell, Alberto Luz, Margot Luz e Suely Beduschi

Ainda ao nível da natureza, o pintor redescobriu as frutas brasileiras em Blumenau. Trata-se de um retorno à natureza da infância, os quintais e pomares, os cestos de colheitas e as frutas sobre a mesa. E deste retorno resulta uma ótica próxima à da infância aplicada à pintura. Os mamões, em consequência, prestes de saltar da tela.

Outras vezes, as frutas (limões, laranjas, frutas-do-conde, no caso) são jogadas na superfície da tela, sem apoio algum, soltas no espaço. Nada mais que um fundo escuro e misterioso para não sustentá-las.

Fundo que se pospõe às frutas, imprimindo-lhes uma sensação de movimento, leveza, natureza fugidã. São ainda e sempre

as frutas da infância, as difíceis e impossíveis de colher, mais belas, por conseguinte, na distância e no tempo das coisas árduas de conquistar.

Mesmo na poucas paisagens expostas, Rubens Oestroem foge à fotografia, ainda que arraigado na natureza local. Há que ler sua obra nas entrelinhas, na vida interior própria, fugaz e tensa. Ler sob a superfície, sob a pele das frutas, sob a luz da paisagem, abaixo da textura dos objetos.

Há que ler com os olhos, mas sobretudo com o conhecimento da alma e da sensibilidade.

Rubens Oestroem é um pintor que veio para ficar. A sua entrega ao ofício, é o testemunho mais evidente.

# O PADRE, O PROFESSOR E AS DIFERENÇAS

José Endoença Martins

Muito já se tem dito e escrito sobre a crise que assola a educação no Brasil. Na verdade são muitas e contundentes as críticas — a maior parte delas repleta de fortes razões e bem válidas — e ganham força e importância na medida em que os resultados alcançados, no ensino, se apresentam em baixos e insuficientes níveis.

Porém a crítica mais repetida e procedente diz, certamente, respeito à situação de penúria e deboche que o professor se vê coagido a aceitar dentro desta crise geral. Gritam todos contra o depauperamento insustentável porque passa o professorado. Todavia não têm como alijá-lo da realidade brasileira. As autoridades conhecem sobejamente os insuportáveis sacrifícios impostos à classe, que se arrastam por vários governos e pioraram nos últimos anos, mas se calam num mutismo calculado, aquecidos nas suas grandes salas acarpetadas. E quando falam é para aliciar e ameaçar.

No que concerne ao aliciamento, entre umas e outras afirmações feitas sobre o pobre mestre e que, certamente, mais causa espécie a todos é a preocupação desesperada de se fazer do professor um sacerdote, na tentativa de mascarar o descaso com que ele, o professor, é olhado, aceito e tratado pelas autoridades competentes.

Perdoem-me os sacerdotes, nada tenho contra eles. Ao contrário, confio neles e nutro por eles grande admiração. São pessoas úteis à sociedade. Mas vamos devagar, senhores. Pretender que o Magistério seja um Sacerdócio é exigir demais dos mestres. É querer negar a uma classe que ainda teima em continuar lutando por melhores dias o pouco de direitos que ainda lhe restam que são pessimamente respeitados. Em palavras mais claras, é tentar enganar a classe.

Fico com a impressão de que é muito cômodo para muitas autoridades exigir do professor um comportamento de sacerdote. Com este aliciamento deslavado pretendem convencer a classe a mais sacrifícios e à renúncia total dos poucos e insuficientes direitos que ela adquiriu com a regulamentação da profissão. Com a regulamentação, o professor se tornou um profissional com tudo o que esse termo implica, com direitos e deveres assegurados pelo Estatuto. Principalmente com direito a um salário digno, à condições de trabalho satisfatórias, a assistência médica, estabilidade, aposentadoria, a uma vida digna, humana, livre.

Quanto ao sacerdote, não tem profissão regulamentada. Por conseguinte não é um profissional no estrito sentido do termo e, em decorrência, não desfruta dos muitos direitos inerentes à natureza de qualquer profissão regulamentada. Acresce, ainda, que a missão do sacerdote é de ordem espiritual e, por força dos votos de Castidade, Obediência e Pobreza, que ele livremente aceita e jura cumprir, abdica de muitas facilidades e comodidades que a existência temporal concede a qualquer outra pessoa. Na falta destas facilidades a comunidade se encarrega da guarda do padre.

Ora o professor não está ligado à austeridade dos votos de Castidade, Obediência ou Pobreza, nem desistiu espontaneamente das facilidades do mundo e, por isso, a comparação pretendida é fora de propósito. São duas posições diferentes de encarar a vida, a do sacerdote e a do professor. Um preocupado com o conhecimento de Deus; o outro com o conhecimento do homem. Quanto ao amor que os dois nutrem pelas crianças — aí a única semelhança — este, o amor, só alcançará a sua plenitude quando o professor descobrir, da parte das autoridades responsáveis pela educação neste País, o mesmo amor por ele.

Estas considerações se fazem necessárias a propósito do reinício das aulas no mês de agosto e o recrudescimento das greves reivindicadoras de professores espalhados pelo País inteiro. Com a volta das crianças às escolas e dos professores às greves, voltam também os apelos das autoridades para a capacidade de abnegação, de compreensão e de amor do professor, porque nas mãos dele está o futuro de milhões de alunos que, amanhã ou depois, dirijirão os destinos da Nação. Pura mistificação essa importância do professor não grevista repetida a cada início e reinício de aula, enquanto para o professor grevista, exercendo um direito, as autoridades apenas reservam ameaças, pressões, perseguições e a cadeia. Ninguém mais acredita na bondade das nossas autoridades, nem na sua justiça. Caso contrário, seria bem diferente, e para melhor, é claro, a situação na nossa educação. E as crianças não olhariam o seu mestre com tanta comiseração como se estivesse diante delas o último dos mendigos.

E como em 1979 vivemos o Ano Internacional da Criança seria de grande utilidade se todos e, principalmente, as autoridades da educação e o próprio governo olhassem os alunos, nas escolas, com mais seriedade e descobrissem que, apesar de toda a sua adversa situação, é ainda o professor quem mais se preocupa com o crescimento intelectual, cultural e geral da criança.

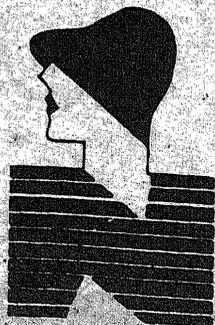
## JOAÇABA COLOR

REVELA O "CLIC" COLORIDO  
& PRETO E BRANCO DE SUA VIDA

- EM 48 HORAS -

VENDAS DE MATERIAL FOTOGRAFICO EM GERAL

RUA RODOLFO FREYGAND, 19 FONE 22-2157  
ESQ. BEIRA RIO BLUMENAU - SC  
- AO LADO DA HABITASUL -



nô-ella  
boutique

Rua Paul Hering, 90  
Ed. Kennedy - 80 Sobreloja  
Fone: 22-0937 - Blumenau - SC

# O NOSSO TEATRO

— Doutor, quantos corações batem dentro de uma mulher.

Se tudo não estivesse biológica e anatomicamente explicado, eu hoje lançaria a estúpida pergunta.

E se agora a escrevo, solitária, já castrado por sua própria dimensão de absurdo, é porque realmente ela, em síntese, reflete em mim, o renascimento de mil e uma angústias. Velhas, perdidas, algumas enterradas... que, com o direito de propriedade de velhos e astutos fantasmas, se resolveram assim, me penetrar os poros, o sangue, a alma, o espírito e, infernar esse final de agosto.

No mínimo, poderiam dar em conto, não? As Angústias de um final de Agosto. Não, seria ultrapassado e chato, eu sei.

Mas a proposição inicial, permanece.

Imaginem... um coração para cada angústia.

Não sei como seria no caso dos homens. Sempre os vejo pouco angustiados. Sempre tão soltos, tão libertos, tão seguros. No máximo, eu acho que eles teriam, não mais que dois corações.

Mas as mulheres... talvez até que nem mais andassem. Pulariam, por força própria, de tantos corações que teriam.

Depois que eu conheci através de uma reportagem, a técnica da infibulação, praticada em várias regiões da África, para entre outras razões impedir à mulher o gozo do prazer sexual, quase que respirei aliviada por ser nascida nessa folclórica Blumenau, entre chopes e gerânios.

E pela "espontaneidade" de uma foto de uma aluna de pedagogia da FURB, que por desgraça foi cair no livro de engenharia, também de um estudante da FURB, retorno a mais um suspiro de alívio.

Pois, graças a Deus, que a emancipação em Blumenau, também já está devidamente liberada. As oportunidades é

que ainda estão um pouco raras.

Quantos corações, pode ter Tereza da Silva, mulher de Bastião da Silva, que por opção mora em Itajaí, em baixo da ponte, da rua Silva?

Seis? Um para cada filho? Ou dez, um para cada filho, um para cada cachorro, e um para o marido. Então, um total de onze corações.

Biologicamente, uma potência humana, mas, completamente inaproveitável, pela sua atual condição social.

Atualmente, um lixo humano, uma espinha na garganta de qualquer prefeitura municipal: reduzido a uma condição primitiva de sobrevivência sem qualquer mais nobre perspectiva, além da procriação, da mendicância.

Quantos corações, percorrem uma mulher, desde a sua infância, até o momento do envelhecimento?

Quantos corações tem a velha preta, que nas ruas de Blumenau, provoca risadas cômicas e nojentas, de quem por ela passa, quando não uma total indiferença?

Quantos corações, possuem as velhas da casa São Simeão, que suspensas as únicas a lhes acariciar as veias inchadas das mãos endurecidas.

Quem está mais mutilada, nessa trajetória da vida, se opções e conquistas? Tereza da Silva, a estudante de pedagogia, ou as velhas do asilo?

Ah, os meus velhos fantasmas, mordem a minha consciência. Cada dia, cada pedaço. Intocável e vergonhosa cúmplice. Pois essa impotência para dizer não, dói e aniquila. E eu continuo fazendo parte dessa elite brasileira, burra e alienada, a classe universitária.

Mas ainda insisto e me desculpo. E a ignominiosa vontade de ver e sofrer até o fim.

E depois, escapar de mansinho, com aquele maldito canudo nas mãos.

Quando no país inteiro, trabalhadores, aproveitando as pequenas frestas que o senhor Figueiredo está propondo, reivindicam melhores condições de trabalho; quando a anistia ampla, total e irrestrita, está para significar o segundo grito de liberdade, depois de um século e meio de neo-colonialismos, (e não importa dizer, que isso é outra invenção norte-americana, que quer no país uma democracia de fato)... o importante é que alguma coisa, enfim, está para acontecer. Aqui, nos nossos meios estudantis, tudo segue normalmente. Nenhum diálogo proposto, nem uma pichaçãozinha de muro, nem uma verificada de conceitos, nada.

Não quero nem falar de uma reformulação do nosso atual conceito de universitários.

Onde é que devemos entrar nessa jogada de abertura. Que propostas nós temos a fazer, quais são as nossas reivindicações, culturais, para realmente fazermos um pouquinho de juz, ao universal, e principalmente quando toda a papelada da FURB, se prepara para as vestes de UNIVERSIDADE. Nada.

Tudo como o senhor reitor e o conselho departamental, por certo gostam e querem. Calmos e mudos. Tragicamente absortos e despolitizados.

Completamente fora da atualidade e do momento histórico, que estamos a passar.

Estou quase vomitando os meus corações. A única coisa que não quero, é morrer sufocada, com eles me atravessando a garganta

Maria Odete

O. Olsen

## CURSO DE ATUALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DA MULHER E DO CASAL

Promoção do Centro de Aprimoramento, Diretório Acadêmico de Ciências Econômicas da FURB (DACEB) Local - Salão Nobre do Colégio Santo Antônio.

OBJETIVOS: 1º) Descobrir os propósitos ocultos ou inconscientes da Sociedade e principalmente do Homem, no processo de subjugação e dominação da mulher.  
2º) Orientar a atitude feminina para que auxilie o Homem no processo de sua Libertação, pois é a única e verdadeira vítima do sistema.

### PROGRAMA:

1. A Mulher no Passado
  2. A Revolução da Economia, da Sociedade e da Moral
  3. O Estado no Lar
  4. A Sociedade de Consumo e a Frustração e Agressão
  5. Otica Masculina e Otica Feminina
  6. Síndrome Paterna e o Incesto
  7. Causas da Poligamia Masculina
  8. Puritanismo Masculino e o Exército de Reserva do Capitalismo
  9. Bases de Verdadeiro Amor? Repressão? Liberdade? Felicidade?
  10. Debates
  11. Entrega de Certificado às (aos) Participantes:
- LOCAL: Salão Nobre do Colégio Santo Antônio  
DIAS: 24 e 25 de agosto de 79  
6ªf. - 19:00 hs. às 22:00 hs.  
sáb.manhã-8:00 hs. às 12:00 hs.  
Sáb.tarde - 14:00 hs. às 18:00 hs.  
Total de horas-aula - 16,5 (40 minutos a hora-aula)  
PREÇO: 1º. Plano - Cr\$ 200,00 (Estudantes)  
2º. Plano - Cr\$ 400,00 (demais participantes)  
OBSERV.: Será fornecido Certificado de Conclusão do Curso (Extensão Cultural), e Material para Anotações e Apostila.  
Vagas Limitadas  
COORDENADOR: Prof. Dr. VICTURINO A. SECCO  
FORMAÇÃO: — Bacharel em Letras Clássicas Fac. Cristo Rei, São Leopoldo (RS) - Bacharel em Filosofia pela mesma Faculdade - Licenciado em Letras Clássicas pela U.F.S.C. Licenciado em Filosofia pela U.F.R.S. - Pós-Graduação em Sociologia Rural pelo I.E.P.E. da U.F.R.-S. - Doutor Livre Docente pela U.F.S.C. - Doutor em Ciências Humanas - U.F.S.C.  
CURSOS ESPECIAIS: — Curso sobre Racionalismo e Idealismo (Kant, Hegel, Fichte e Schelling) - Curso de Psicologia e Psicanálise - Curso sobre Sistemas Pedagógicos e Pedagogia Moderna - Curso sobre Evolucionismo - Curso sobre Existencialismo (Kierkegaard, Marcel, Heidegger e Sartre)  
ATIVIDADES PROFISSIONAIS: — Professor de Sociologia Geral e Especial da U.F.S.C. - Professor de Metodologia e Técnica de Pesquisa na Graduação da U.F.S.C. - Professor de Política na U.F.S.C. - Professor de Comunicações na U.F.S.C. - Professor de Sociologia Urbana na Graduação

Graduação - U.F.S.C. - Professor de Sociologia no Pós-Graduação da U.F.S.C. - Professor de Metodologia e Técnica de Pesquisa na Pós-Graduação de Enfermagem da U.F.S.C. - Professor de Sociologia Urbana e Metodologia da Pesquisa no Curso de Especialização em Lages. - Professor de História Geral e do Brasil no Instituto Estadual de Educação - Chefe do Departamento de Sociologia da U.F.S.C.

LOCAIS DE INSCRIÇÃO: 1 - K CENTRO DE APRIMORAMENTO - Rua Nereu Ramos, 182 - Sala 4 - Fone 22-2176; 2 - Biblioteca da FURB, Rua Antônio da Veiga, 140; 3 - FOTO DIETZ - Rua Padre Jacobs, 10 - Fone 22-1281; 4 - Serviço Municipal de Turismo - Rua XV d. de Novembro, 430.

# TRANSBLU

TRANSPORTES E SERVIÇOS LTDA.

RUA PERNAMBUCO, 50

FONES 22-5905 - 22-5632

TELEX 0473-260

89100 BLUMENAU - SC

FILIAL:

PRAÇA LUIZ PIZOTTI, 05

VILA GUILHERME

FONES 292-7730 - 291-0760

TELEX 0-11-21484

02060 S. PAULO - SP

AGENTE:

AVENIDA GETULIO VARGAS, 1295

FONES 22-1138 - 22-6994 - 22-2078

TELEX 0474-140

89200 JOINVILLE - SC

# IMPRESSÕES COLHIDAS PELO CAMINHO... VERDE VALE

Enéas Athanázio

URDA A. KLUEGER acaba de lançar, pela Editora Lunardelli, o interessante volume a que deu o nome de "Verde Vale", com curiosas ilustrações de Orlandino Nocetti Júnior e a costumeira apresentação da caprichosa casa de Florianópolis.

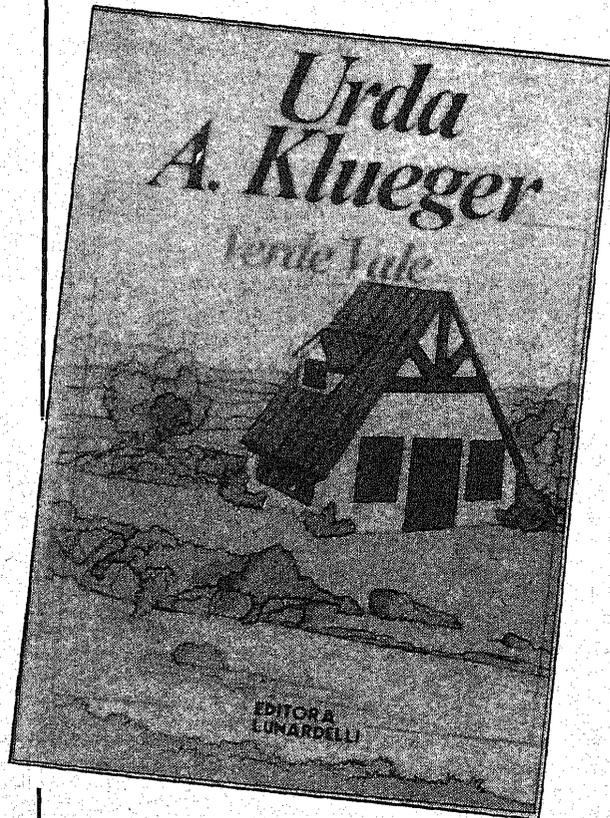
Trata-se, à meu ver, de um romance histórico que refoge aos padrões do gênero, eis que deixa larga margem à elaboração ficcional e ao exercício da imaginação da autora, que a usa com propriedade e com surpreendente cultura para uma pessoa tão jovem.

Não quer isto dizer, de forma alguma, que o livro se constitua em pura ficção. Longe disso. Os fatos que arquiteta e relata, mesmo na curiosidade das minúcias que não fugiram ao agudo senso de observação da autora, situam-se numa fase histórica perfeitamente delimitada (da fundação da Colônia de Blumenau até a Primeira Guerra Mundial) e numa determinada condição geográfica (o Vale do Itajaí-Açu), o que colocou a autora em compromisso com a fidelidade e a verossimilhança, objetivo atingido com perfeição.

É admirável a maneira como ela, ao longo de todo o livro, soube captar as reações e o procedimento lógico dos imigrantes recém transplantedos da Europa para a mata virgem, os seus usos e costumes, sua alimentação e seu vestuário, a gama toda de pequenos fatos cotidianos que os levam, passo a passo, à aceitação da nova pátria de eleição. Evidencia-se aí, com exuberância, o trabalho de pesquisa que precedeu à elaboração do livro.

Escrevendo com simplicidade, distanciada de afetações que não se casariam com o tema, logrou a autora manter viva e crepitante a saga dos Sonne, desde que Humberto, a mulher e o filho pisaram o chão catarinense, vivendo um esforço desesperado pela afirmação econômica e social, até a morte do patriarca, inconformado com a guerra entre as duas pátrias. E, quer no retrato dos dias venturosos, que nas ocasiões de aflição e angústia, consegue o volume manter-se sem altos e baixos, numa desenvoltura que fascina e prende, empreitada deveras rara em autores do gênero. O que revela que os nossos temas históricos, mesmo na singeleza da vida de sitiantes, podem alcançar-se em momentos de leitura agradável e viva, quando tratados com sinceridade e conhecimento. Há no livro passagens de insuspeitada poesia, eis que ela está presente mesmo nas coisas simples e nas ocasiões inesperadas, bastando, para entre vê-la, a sensibilidade.

O livro tem, no conjunto, acentuado sabor romanesco. Embora transpire, em linha geral, a felicidade de uma família que encontrou o seu lugar ao sol, as crises episódicas são aproveitadas com palpantes autenticidade. Tal ocorre, por exemplo, quando o casal germânico, sopitando séculos de preconceitos, se vê na



contingência de aceitar uma neta em cujas veias corre sangue negro. Ou quando um membro da Colônia retorna dos campos do Paraguai casado com uma brasileira de origens espanholas.

Também o linguajar, com o uso apropriado de expressões alemãs, contribui de forma decisiva para o verismo da obra.

Fugiu a autora, e nisso foi feliz, à clássica divisão em capítulos, ao estruturar o seu livro. Preferiu a narrativa contínua, sem hiatos desnecessários que tendem a decrescer o ritmo. Valeu-se apenas de uns poucos cortes para significar um evoluir mais longo do tempo. O resultado é um texto uniforme, ágil e colorido, escrito com a convicção necessária para esvaziar-se das sensações frementes de quem parece ter vivido os fatos como partícipe deles.

O livro de URDA A. KLUEGER, a par de sua leitura saborosa, é uma contribuição válida para as letras catarinenses, em especial para o perfeito conhecimento da região de Blumenau e desses homens resolutos que dela fizeram uma das mais interessantes cidades do País. Esses homens que viveram divididos entre a saudade amarga da pátria distante e o amor pelo chão inóspito que lhes abriu novas perspectivas de vida. (Endereço da autora comentada: Caixa Econômica Federal, Brusque).

## POEMAS T

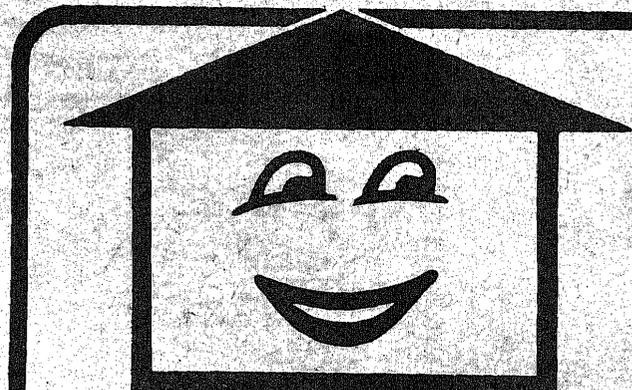
Oferecendo uma nova opção aos leitores interessados em poesia, iniciamos esta coluna convictos de sua utilidade a todos aqueles que a elegeram um dia como objetivo e ideal de suas vidas e que, por circunstâncias alheias, permanecem impossibilitados de acesso ao seu conhecimento desde que realizada em outro idioma. Muito embora possa o colonista - tradutor não acertar esteticamente no traslado da coisa devido as suas naturais limitações, cremos, no entanto, que permanecerá a idéia original do criador, ou melhor, algum osso que permitirá ao menos a reconstituição de sua grandeza por parte daqueles que já possuem a intuição necessária para isto.

EDWIN MUIA - Nasceu em Orkney, Escócia em 1887. Além da poesia, notabilizou-se pelas suas traduções para a língua inglesa das obras de Nietzsche, Kafka e Rilke. Seus POEMAS COMPLETOS surgiram em 1960, um ano após seus falecimento ocorrido na Inglaterra em 1969.

## ILHA DO DESTERRO

Departamento de Língua e Literatura Anglo-Americana. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC.

É a experiência concreta de um punhado de Mes- trandos em Literatura Anglo-Americana no duro e quase nunca reconhecido ofício de preparar, elaborar e



# PROBST

# NA ALEGRE JARAQUÁ DO SUL, NÃO PODIA FALTAR O SORRISO DO PROBST

# RADUZIDOS

C. Ronald

OBS: O CERTO.

## A TRANSFORMAÇÃO

Que tudo possa se transformar em fantasma,  
relance, vislumbre

E assim transformado permanecer para sempre

E nós parados entre o sonho imóvel

E o tempo móvel - isto é estranho.

Ultrapassa toda a invenção, palavra, imagem,  
som

Ou silêncio: termos de expressar

Que nós que caímos semeamos neste chão  
imaterial

E em suas fronteiras desumanas colhemos  
tudo.

Ali, a incorruptível criança brinca ainda

O amante espera ao lado da árvore assinalada  
Para esse encontro.

Os bons e os maus momentos absortos em sua  
Silenciosa imortalidade criam outro firmamento

Em comemoração ao dia

Que tendo existido nunca se perderá

editar uma revista mensal de literatura verdadeiramente preocupada com a Literatura Americana Contemporânea enfocando principalmente o que o grupo costumou chamar de "A Geração Invisível". Em outras palavras a geração que não encontra oportunidades de ser editada dentro do sistema e, por isso, continua invisível. A revista já se encontra no seu segundo número e tem na direção Dilvo I. Ristoff e como consultores para assuntos de Literatura Americana Contemporânea Hugh and Nona Fox. Sendo uma revista bilíngue, pode ser de inestimável valia para quem esteja interessado num aprofundamento pessoal da Literatura Americana atual.

# ARTE-CONFLITO DE ELKE HERING BELL

Roberto Diniz Saut

## FIXAÇÃO DA FORÇA AMBIENTAL

O orador pode exprimir em seus discursos a verdade de suas impressões e pode, também, ocultar a verdade dizendo apenas o que o seu público deseja ouvir. O artista plástico, porém, jamais poderá esconder a verdade que observa e que imprime em seus trabalhos.

Elke Hering Bell jamais poderá mentir sua influência obtida pela vivência de situações verdes da nossa região e aquelas que a impressionaram no Velho Mundo. Na tentativa de absorver o mundo desconhecido do viver inexplicado das reações humanas e da natureza, Elke inconscientemente realizou, acionada por uma série de impulsos criativos, trabalhos que arrastam a tendência do abstrato, do surrealismo, do conflito abstrato concreto, suavizados pelos toques das cores separadas. Tentar definir correntes plásticas não deve nosso intuito quando, por questões de análise, podemos até chegar ao absurdo de ver em uma pintura surrealista tendência do impressionismo. Não acredito em arte que é enquadrada por críticos numa apenas tendência. Pode se relevar a expressão do sentimento a uma escola, tendência, mas não defini-la finitamente. Qualquer expressão do conflito interior exterior não se limita a definições plásticas, mesmo que a forma do trabalho produzido seja englobada nas tendências plásticas do momento histórico. Ao produzir, o artista usa técnicas que aprimorou e trabalha com as cores e formas que o perseguem em seus estudos especulativos, racionais e naturais. Se observamos o trabalho plástico de Elke Hering Bell veremos que sua potencialidade criativa se evidencia na expressão de um real conflito entre o sentimento oculto de suas visões do mundo, que a cerca e o próprio exterior que a comprime a este sentimento de criação. Ora, não é difícil de compreender: Elke, antes discípula, agora mãe de sua arte poderia perfeitamente assegurar-se em seus trabalhos de pintura, desempenhando seus trabalhos, seus pastos, seus aspectos evidentes do nosso vale. Mas, pelo contrário, avançou na difícil procura de exprimir através da escultura de ferro e outros metais. Neste exato momento devemos ver em Elke toda uma potencialidade artística. Sendo mulher, prova que o sentimento não sexualiza pessoa alguma, pelo contrário igual o sentimento humano e simples forma de suas expressões. Na escultura está toda a força criativa de Elke. Suas tendências à produção artística não conseguiram suportar o conflito de que era vítima (e ainda é) dos fortes impulsos internos contra a forte visão do exterior ambiental. Sua arte é forte. Suave na sua forma, às vezes, mas forte no que quer exprimir. Isto nos leva a acreditar que seus conflitos entre o racional e o irracional, entre sua natureza mulher e a natureza vivencial do ambiente humano, entre o abstrato e o concreto, entre as formas bruscas e as formas lisas e suaves, entre a verdade de sua existência enriquecida pela sua sensibilidade artística e a crueldade da não compreensão infinita dos materialistas anti-sociais, entre a solidão criativa e a sociabilidade obrigatória, entre sua concepção do espaço tempo e a realidade do calendário comercial, entre o momento impulso de criatividade e o estrangulamento físico de suas capacidades de trabalho, definitivamente serão refletidos em trabalhos de fixação da força ambiental. O que vem a ser fixação da força ambiental? Muito simples: é a vitória de todos estes conflitos huma-

no artísticos representados na forma de um trabalho artístico em que sobressai a expressão do exterior natureza, porém, querendo representar a individual vontade de exteriorização do próprio sentimento.

Elke Hering Bell, trabalhando horas e horas, consegue sufocar seus conflitos artísticos para finalmente sempre produzir valorosa escultura que, se analisada, devidamente, vai visualizar a soma de um sentimento conflito mais a interiorização psíquica do ambiente eternizado visualmente.

## CONSTRUÇÃO HERMÉTICA DE UM CONFLITO

O escritor brinca suas páginas e relata toda uma situação vivencial...tem a facilidade de quantas páginas quiser para dizer o que sente. O artista plástico, porém, limita a sua criatividade a um limite visual.

Elke Hering Bell vê nascer seu trabalho, construtor de sua própria visão, em formas herméticas. A expressão que assume uma escultura de Elke Bell não reflete facilmente o que ela quer exprimir. As formas que ressurgem do trabalho acionado pelo impulso criativo não emergem aos olhos do curioso, não comunicam de pronto toda uma intenção consciente e inconsciente. Não, a obra de Elke Hering Bell necessita de um cuidado visual em que a visão do todo venha a produzir a importância da particularidade. Fruto de intenso conflito entre o interior e o exterior, Elke se lança, absorvida pela criatividade artística, a uma inconsciência abstrata, já neste momento libertada da força especulativa, tão intensa que sua obra nasce completamente fechada, introvertida, difícil, porém, sumamente resultado de um sentimento verdadeiro. Mas, paradoxo até que possa parecer, quando vislumbrado, seu trabalho interioriza de tal forma opiniões que se concretiza permanentemente no inconsciente das pessoas viventes de sua arte, produzindo um sentimento de eternidade de seu conflito concretizado em obra artística.

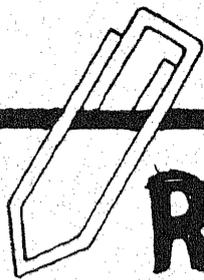
Elke Hering Bell busca uma definição de seus próprios conflitos. Assim sua produção exterioriza o que ela resolve consciente e inconscientemente conceber do resultado deste conflito. E aí está o grande valor do seu trabalho, não se deixa influenciarpqz vidas consagradas de valores artísticos do passado e do presente, procura, sim, refletir sua concepção vivencial psíquica, ambiental e social a sua maneira, com suas técnicas.

O resultado hermético de sua obra escultural confirma que o trabalho de Elke não se restringe a simplicidade fotográfica de um conflito aparente, mas, sim, a um complicado entrelaçamento de situações absorvidas no seu mundo artístico, social, ambiental e paradoxalmente solitário. Para compreender as esculturas de Elke Bell é necessário quebrar a resistência da frivolidade para penetrar no profundo universo da arte. É necessário compreender que a água não tem cor transparente, mas que é composta de H<sub>2</sub>O. É necessário compreender que o conflito de Elke Hering Bell não transparece ao mundo exterior em formas racionais, mas sim abstratas e herméticas.



# FINASC

Semando recursos para multiplicar benefícios



# RECADO

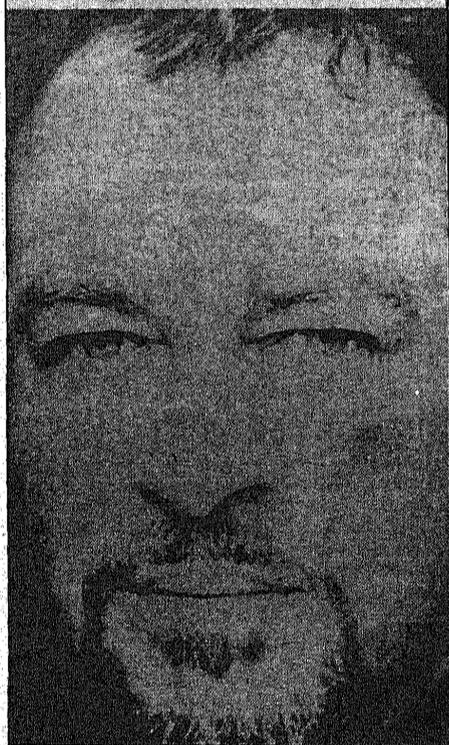
Por Vilson  
do  
Nascimento

## C. RONALD : Poeta Único, Mas Perigoso

Exercício excitante, e também perigoso, esse de ler e comentar a poesia de C. Ronald, cujo ortônimo é Carlos Ronald Schmidt. Excitante porque via de regra a surpresa contida em cada um de seus poemas, de seus versos, palavra após palavra, numa fenomenal eclosão criadora, projeta-nos a ilimitados e desconhecidos labirintos mentais. Em qualquer um de seus livros, n'AS ORIGENS(1), por exemplo, em ANUA (2) - com capa belíssima do próprio poeta, utilizando uma reprodução da colagem "Santuário", 1965, de Max Ernst - ou recém-lançado DIAS DA TERRA (3), sempre o inesperado rumo tomado pelo poeta.

Súbitos e imprevisíveis, como num gesto ou atitude surreais, são os passos deste artista. Jamais a rota definida, o caminho fácil e trivial, a trilha antes percorrida. Sempre surpreendentes incursões mente a dentro, profundos mergulhos pensamentais. Onde formos buscá-lo, como em "O Fauno" (in As Origens), poema em prosa (dedicado às filhas Ariadne e Amarilis), o desenvolvimento solto, ligeiro, inesperado, acompanhado, sempre, de extrema criatividade: "O meu irmão não nasceu. Ele tinha nos lábios aquela fumacinha roxa que cobre a sombra das urtigas. As vezes ele preferia dormir nos ombros de uma abelha. Mas, quase sempre, acordava no meio de um rio. Era sonâmbulo. No outono um caçador o matou. Oh, meu irmão, naquela noite não quiseste ser chuva. Podias ser pássaro. Foste ser cabra. "Ainda no volume "As Origens", onde enfeixou-se o livro "Pássaro com Sangue no Bolso", com o qual Ronald recebeu menção honrosa no V Concurso Literário da Fundação Cultural do Distrito Federal, encontramos, em verso, e às vezes lembrando o automatismo psíquico dos surrealistas, o poema "O Museu Cristão": "Fui condenado em sonho, serei besta / e ao invés da velhice me devoro. / Ter um canário morto na janela / é a maior desonra dos artifices". Versos da primeira estrofe. Neste terceiro verso (Ter um canário morto na janela), C. Ronald parece ter substituído sua linguagem escrita pela pictórica. Não imaginamos, não mentalizamos, mas visualizamos a sugestão poética. Ter um pássaro, no caso um canário, morto, na janela, é a linguagem poética escrita, como que trans-

# CARLOS RONALD



pondo seus limites estético-expressivos, para invadir, magicamente, os leéricos domínios da linguagem pictorial. Um canário morto na janela não é, apenas, poesia versificada, é também um quadro, uma pintura. Aliás, este autor dedica-se simultânea ou sucessivamente, ao exercício do desenho e da pintura. Diria mais, ainda, a respeito do verso acima transcrito. Diria que neste verso o poeta transcendeu a própria poesia, tornando real a sua essência. Em "Ter um canário morto na janela" o poeta, envolvido, como um alquimista, no polissêmico e semântico universo (uni-verso) da palavra, encontrou o seu significado exato, ou seja, aquela palavra que, quando pronunciada, como se fosse mágica, torna-se realidade.

Em "ANUA", sua segunda publicação, composta de três livros (formação do Ausente, Estação de Cairn, e Árvores em Posição de Grito - este último dedicado a nós), foram inclusos poemas elaborados no quadriênio

1971/74. São 222 páginas onde seu autor, em oportuna "Advertência", à guisa de preâmbulo, criticando a falta de maior profundidade artística reinante em nosso País, alerta para o risco que corre sua poesia, "pelo menos por enquanto", de ser incompreendida. Com epígrafe do poeta alemão Stefan George ("Ein Wissen gleich fur heisst betrug"): Um conhecimento igual para todos se chama fraude!. Ronald abre o primeiro livro de ANUA. No decorrer da leitura deste volume, como também em "Dias da Terra" (composto de dois livros: "Dias de Terra" e "Legendas e Cerimônias"), deparamos, além de uma volumosa produção, com a obra profunda e original de um poeta contemporâneo ainda pouco conhecido e, pior ainda, compreendido (nasceu em 1935 na Ilha de Santa Catarina). Adiantou-se, este poeta. É uma espécie única de vanguarda literária, e também intelectual, brasileira, ou universal. Convictos estamos, nós que o conhecemos pessoalmente, que se trata de um poeta que vai bem adiante do infelizmente crescente, e prolífero, exame de poesia e poetas contemporâneos, em sua maioria lúdicos e superficiais. Não há tema ou argumento em seus poemas. Tudo emerge de uma cósmica consciência. Se atentarmos, sem



As Obras de C. Ronald

receio, sem censura e preconceitos, veremos que através de seus poemas (colocados como verdadeiras sentenças ou aforismos poéticos), poderemos atingir toda a capacidade de vôo e alcance do espírito humano.

Sua maneira originalíssima de expressão, em estilo novo e penetrante nos parece único em toda história da literatura. Igualmente único nos parece seu processo criativo, que presumimos desenvolvido com estranhos recursos intuitivos e/ou intelectivos. Ou até mesmo de um processo estranho a esses recursos. De um estágio mental ainda desconhecido e mais elevado. Para ilustrar o que dizemos, vejamos este excerto do poema intitulado "Para Santos Dummont" (4), extraído de ANUA: "Como pudeste voar a alma presa no ar onde a solidão se mexe Uma outra superfície apodrece e a novidade subleva a terra e a desgraçada forca dos suicidas investe contra a gordura das vestais

Agora o vazio se aquece e tu te inclinas pássaro com as asas imantadas e te inclinas mais e abraças uma janela"

Acho esta segunda estrofe extraordinariamente bela. Por si só vale toda uma vida e obra. Ao inclinar o pássaro, e mais ainda, ao fazê-lo abraçar uma janela, o poeta atingiu um de seus melhores momentos.

Como em todo poeta autêntico, sobressalta-se em Ronald uma grande capacidade intelectual, apanágio só dos grandes filósofos, dos grandes pensadores. C. Ronald é um poeta cuja compreensão, exceção feita a pouco, só mais tarde será alcançada. Um poeta perigoso? Perigoso se não estivermos absolutamente preparados para acompanhá-lo em suas estranhas viagens, em seu insólito universo mental. Caso contrário correremos dois riscos: o de não mais voltarmos, ou, se voltarmos, parcialmente confusos, perturbados.

1 — "As Origens", Ed. Livros do Mundo Inteiro em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1971.

2 — "Anua", uma publicação da UDESC Editora em co-edição com a Editora do Escritor, SP, 1975.

3 — "Dias da Terra", Edições Quíron/INL/MEC, 1978.

4 — Dificilmente este autor intitula seus poemas. A esse respeito assim manifestou-se ele na "Nota Necessária" inscrita no final de "Dias da Terra": O livro que aqui termina, como se nota, não tem títulos na maioria dos poemas. Com tal característica não pretendemos firmar uma continuidade de leitura como se fosse um todo inconsútil. A unidade que existe nele, é uma unidade interior de conteúdo criativo que nada tem a haver com uma pressuposta sequência formal. Apenas tivemos o intuito de deixar claro que o núcleo era um só alargando-se em círculos da mesma maneira que uma pedra atirada numa superfície de mar, serena.

## Berim - Berim

1º SUPERMERCADO DE ARTIGOS DE PERFUMARIAS DO SUL DO PAÍS

2.000 Artigos de Higiene e Toucador, à sua livre escolha

Sala de Beleza.

Artigos e Móveis para Cabeleireiros.

LOJA 1  
R. Nereu Ramos, 44  
Fone: 22-0068  
BLUMENAU SC

LOJA 2  
R. Hercílio Luz, 49  
Fone: 44-2122  
ITAJAI SC

## CREFISUL S.A.

FINANCIAMENTOS  
CAMINHÕES E AUTOMÓVEIS  
NOVOS E USADOS  
CAPITAL DE GIRO  
CRÉDITO PESSOAL  
LETRAS DE CÂMBIO - DL157

Rua XV de Novembro, 1336  
Edifício Brasília - Terreo - S/7  
Fone: 22-5660  
BLUMENAU

# PÁGINA UNIVERSITÁRIA

## KOISCE'S

Tito Ville

1.

Os responsáveis pelo IV Festival Universitário da Canção, versão 1979, fazem reuniões e reuniões preocupados com o número de canções a serem inscritas... que podem ser de 0 (zero) a infinito...

2.

Ananias Vieira Filho que é atual presidente da Comissão de Inscrição virou da noite para o dia presidente da Comissão Executiva. Depuseram jornalisticamente o acadêmico Dianari Branquinho. Um erro sem intenções mais sérias... podem crer... (estamos ainda falando do IV FUC).

3.

Mordomia existe até nos Diretórios Centrais... O presidente James Marlon influenciou o presidente do IV FUC da FURB para um breve e dispendioso pulinho a Brasília... pra pedir verba... de avião... em hotel classe A... pra não saírem do status... e para que o Festival da Canção influencie Brasília.

4.

Os estudantes brigam por eleições livres e diretas para os órgãos colegiados (pelo menos na FURB-Blumenau)... resta saber se ainda sabem o que é liderança... o que é votar... em quem votar... por que... tá uma pobreza de líderes...

5.

Na FURB não há greve... ninguém reclama... todo mundo só pensa em estudar e elogiar o senhor reitor. Por sua vez... o Magnífico, aproveitando a mentalidade... aumenta mensalidade, cobra juros, não perdoa qualquer requerimento sem altas cobranças pelo papel... etc... etc... (quem não faz... leva!).

6.

Tem gente que não concorda com os Festivais das Canções promovidos pelo DCE e pela televisão (Canal 3 e Canal 6) e pelo JORNAL DE SANTA CATARINA de Blumenau... são pessoas estudantes da própria FURB. Dizem eles que isto é promoção de um grupo que quer aparecer... pobre gente... Devemos comprar uma lata de tinta vermelha... pintar o popô dessa gente e fazê-los desfilar heroicamente pela Rua XV de Novembro... Pergunta: Por que não se oferecem para trabalhar?

7.

O reitor da FURB consultou os cinco diretores e foi tomada inteligente decisão: proibir a venda de bebida alcoólica no Restaurante Universitário da Universidade. Alguns estudantes interpretando a norma...

compraram no bar mais próximo um quilo de cerveja e fora bebê-la no RU... apenas uma questão de hermenêutica!

8.

Um professor da área de Direito entrou na classe para sua aula costumeira... meus alunos... blá... blá... blá. A certa altura disse com peito estufado: "Eu ganho muito dinheiro na advocacia. Terminada a aula professor e um cordão de puxa-sacos se dirigiram ao RU para um conagraçamento a café no atual custo. Terminado o café, o mestre passou no caixa e sussurrou: "Ei, amigo, pindura... até semana que vem.

NÃO SE CONFUNDA EXPERIÊNCIA COM COMPETÊNCIA



9.

Época de prova final. Alunos estudando... alunos preocupados... professores sorrindo maliciosamente... alguns humildes, outros orgulhosos das provas que montaram (sem falar do esquema de segurança montado contra a "cola").

Dia da prova chegou. Tudo transcorreu normalmente. Professor, antes da retirada dos alunos: "Quem estudou passa, quem não estudou não passa!"

No dia seguinte o professor recebe em seu escritório um telefonema:

— Oi, professor, o senhor já corrigiu as provas?

— Você está garantida!

— Mas, professor aqui não é aluna sua... é a secretária do diretor!

10.

Em certo programa da TV Colligadas Canal 3... mais precisamente Jornal Universitário... coordenado pelo Saut... uma certa poetiza disse coisa do arco da velha

combatendo os universitários da-FURB (em se referindo à capacidade dos estudantes em analisar obras de arte).

Resultado: foi contratada pelo senhor reitor para trabalhar junto ao Departamento de Cultura. Grrrrr...

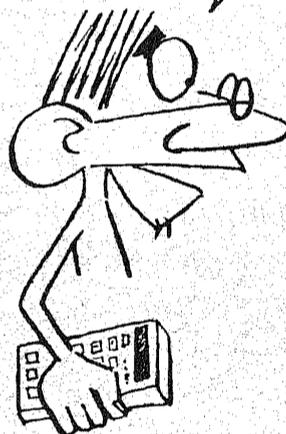
11.

Os canarinhos da FURB já deram seus primeiros pios por ai... controlados pelo ritmo do maestro Locatelli. É possível que o reitor use o Coral como ópio... promovendo várias apresentações. Sabe-se que a música pode fazer esquecer problemas maiores... tais quais os financeiros...

12.

O carro do aluno pára diante do portão com guarda que dá acesso ao estacionamento exclusivo para professores.

TEM PROFESSOR COM 40 ANOS NO MAGISTÉRIO, MAS É SURDO E CADUCO



Guarda: "O senhor não é professor, portanto..."

Aluno: "Acontece, seu guarda, que vou dar uma aulinha pro professor".

Guarda: "Passe! Eh! Eh!"

13.

Houve em certa ocasião idéia de se criar um clube de foguete na FURB. Um aluno, com o recebido da matrícula na mão perguntou numa conversa em que se ventilava o assunto: "Quanto custa um foguete do tamanho do reitor?"

14.

- Onde vai você, meu filho?
- Pra aula, mamãe.
- Onde você vai, meu filho?
- Pra Biblioteca da FURB, mamãe.
- Onde você vai, meu filho?
- Fazer um trabalho na FURB, mamãe. Depois de um mês.
- Quem é esta aí, meu filho?
- Minha esposa, mamãe.

15.

Nem todo professor leciona. Nem todo estudante estuda.

16.

Se o ditado popular "quanto mais se estuda, menos se sabe" for verdadeiro, deve ter muitos professores sábios.

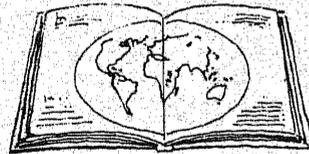
17.

Decididamente o Restaurante Universitário não tem jeito: foi palco de bandejadas entre dono e usuários. A refeição estava tão a gosto que o universitário beltrano jogou a travessa ao chão. O dono da coisa fez voar o resto das coisas em cima da coisa do estudante... mas, ninguém, até agora, sabe como ficou a coisa. Feijoadada todo dia... negada.

## ATENÇÃO ESTUDANTES

Temos para pronta entrega pelo melhor preço da praça, em condições, a mais completa obra do momento para estudantes de Economia, Administração de Empresas de autoria de Mário Henrique Simonsen, Eugênio Gudin, Roberto de Oliveira Campos, Henrique de Carvalho Gomes, Otávio Gouveia de Bulhões abor-

dando os seguintes temas: Noções Básicas de Economia, Administração e Contabilidade, Contabilidade de Custos e Matemática Financeira, Teoria Microeconômica e Contabilidade Nacional, Política Econômica e a Inflação, Comércio Internacional e Desenvolvimento Econômico, Nova Lei das S/As.



GETÚLIO CIDRAL

Comércio Varejista de Livros

Rua XV de Novembro, 1336 — 3º. Andar — Sala 31 — Telefone 22-5373  
89100 - B L U M E N A U Santa Catarina

**SOLIT**

CALÇADOS & CONFECÇÕES FEMININAS

Rua Curt Hering - 149 - Centro  
FONE: 22-2361 **BLUMENAU** Santa Catarina FONE: 22-2361

Moda Jovem

**SACO**

BLUMENAU - SC

MODA JOVEM LEVIS - LEE AO LADO DA HABITASUL

**BLUMENAU MODAS**

CHEGUE PERTO DOS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

RUA CURT HERING, 322 - BLUMENAU - SC





# PORTARIA DO MEC E OUTRAS IMPLICAÇÕES

O ministro de Estado da Educação e Cultura, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o disposto nos artigos 10 e 11 do Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967, no artigo 3º da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e no artigo 2º do Decreto nº 69.053, de 11 de agosto de 1971.

RESOLVE:

Art. 1º a autorização para a realização de congressos, conferências, simpósios, seminários, semanas, encontros e promoções artística ou científicas promovidas por estudantes ou com participação destes, no âmbito da universidade ou instituição isolada de ensino superior, será concedida pelo reitor ou diretor respectivamente, mediante solicitação da entidade promotora, formulada através do órgão próprio da instituição de ensino, de acordo com as normas por ele baixadas.

Art. 2º a autorização para a realização de eventos enumerados no artigo anterior, de âmbito interinstitucional, estadual, nacional e internacional, será concedida pelo diretor geral do Departamento de Assistência ao Estudante, mediante solicitação da entidade promotora.

§ 1º: O pedido de autorização deverá dar entrada no Departamento de Assistência ao Estudante no mínimo 90 (noventa) dias antes do início previsto para o evento, devendo constar do processo os itens seguintes:

- a) prévia anuência do dirigente da instituição de ensino onde se realizará o evento;
- b) programação com discriminação de

- objetivos, data e local de realização;
- c) titularidade dos dirigentes, conferencistas e debatedores e número previsto de participantes;
- d) entidades financiadoras.

§ 2º: Se necessário, outros documentos poderão ser solicitados pelo Departamento de Assistência ao Estudante, visando ao completo esclarecimento do pedido de autorização.

Art. 3º A participação de estudantes, como representantes oficiais do Brasil, em congressos científicos ou promoções artísticas internacionais, realizadas no País ou no Exterior, deverá ser precedida de autorização do ministro de Estado da Educação e Cultura, observado o disposto nos §§ 1º e 2º do artigo 2º.

Art. 4º A instituição de ensino assegurará ao estudante participante de eventos como representante oficial do Brasil, época especial para execução de provas e trabalhos exigidos durante o período de afastamento.

Art. 5º Sempre que se pretender auxílio financeiro do Ministério da Educação e Cultura, os pedidos deverão especificar o custo exato do mesmo e discriminação da participação atribuída a terceiros.

Art. 6º O Departamento de Assistência ao Estudante do Ministério da Educação e Cultura baixará normas para a apresentação de pedidos, nos termos da presente Portaria.

Art. 7º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as Portarias nº 25 de 17 de janeiro de 1968, 283—BSB de 10 de abril de 1972, e as demais disposições em contrário.

# SOMOS TODOS/ BAILARINOS

- Ester I. M. Neotti

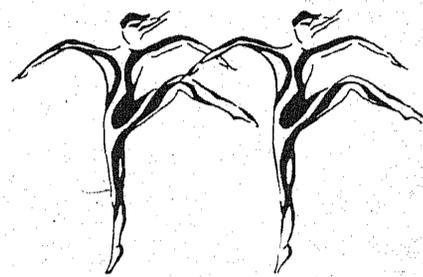
Todos somos bailarinos. Empregamos o movimento para expressarmos nossas ansias, dores, raivas, alegrias e temores. Continuamos a nos expressar com movimentos em todo o decorrer de nossas vidas; nossas mãos cerradas tremem de raiva, nossos dedos tamborilam com tensão, nossos braços se levantam de alegria. Precisamos expressar-nos com o movimento; a pessoa cujo corpo permanece constantemente imóvel, que só fala com palavras, é alguém emocionalmente calado, cujos centros físicos e psíquicos estão atrofiados. Precisamos portanto, de dançar. O impulso de dançar surge naturalmente, espontaneamente, instintivamente, do simples fato de estar vivo. Desta vida também o ritmo é elemento integrante no fluxo e refluxo das ondas do mar, no próprio ato de inspirar e expirar o ar; enfim o ritmo está nas coisas vivas da natureza. Então funde-se ritmo e movimento para nascer a "dança".

Quanto mais recuamos na história, mais verificamos o quanto os seres humanos dançaram. Obrigando-se na restrita vida da corte da nobreza européia, o ballet tornou-se o primeiro estilo de dança a alcançar o reconhecimento popular como forma de arte internacional. Por volta da primeira década do século II, a rígida fórmula que levava o ballet russo aos seus dias de glória, havia se tornado uma restrição insuportável para os coreógrafos jovens e criativos.

Desta revolta nasce Isadora Duncan que tem papel marcante na história da dança, pois ela criou uma dança livre, inspirada na mitologia grega. Vestiu túnicas leves e trazia os pés descalços ao dançar. O ineditismo de sua arte inaugurou uma nova forma de dançar, hoje conhecida como "dança moderna".

Outro destaque na dança que merece ser citado é o "Jazz". Teve suas eclosões no início do século XX em New York. Originariamente música profana dos negros norte-americanos, tornou-se, progressivamente, uma forma de expressão quase universal após a Primeira Guerra Mundial.

Em se tratando de dança como forma de educação integral, posso dizer que todos os estilos de dança, necessitam de correta orientação de professores competentes,



**STUDIUM DANÇA**  
ESTER I. M. NEOTTI

**jazz ballet  
dança moderna  
sapateado  
ginástica integral**

AVENIDA BRASIL 333 - FONE: 229479 - PONTA AGUDA - BLUMENAU  
ERTAS - INSCRICOES ABERTAS - INSCRICOES ABERTAS - INSCRICOES AB

para não ocorrer futuramente deformações do esqueleto e musculatura, e sim educar o equilíbrio corporal dando aos movimentos flexibilidade e graciosidade. Não se trata de fazer estrelas e sim de garantir-lhe uma silueta esguia e leve, uma perfeita coluna vertebral e não deixar que as crianças percam sua força maior de expressão: a espontaneidade.

★ ★ ★ ★ ★

Ester I. M. Neotti é professora formada e especializada em Dança Moderna da Universidade Federal do Rio de Janeiro; atualmente lecionando dança na Escola de Educação Física da FURB, e diretora da Academia "STUDIUM DANÇA" em Blumenau, na Av. Brasil 333.

## V SEMANA CULTURAL DE ORLEÃES.

FESTIVAL DA CANÇÃO

A Comissão Organizadora do Festival da Canção da V SECOR comunica aos interessados que as inscrições terminam no dia 20 de agosto e que as composições, que devem ser inéditas em letra e música, devem ser enviadas em 5 vias, com firma (do compositor) devidamente reconhecida ou autenticada e com o nº do CPF.

Melhores informações no Conselho Municipal de Cultura de Orleães, à Rua Miguel Couto, 313 ou pelo fone: 66-192.

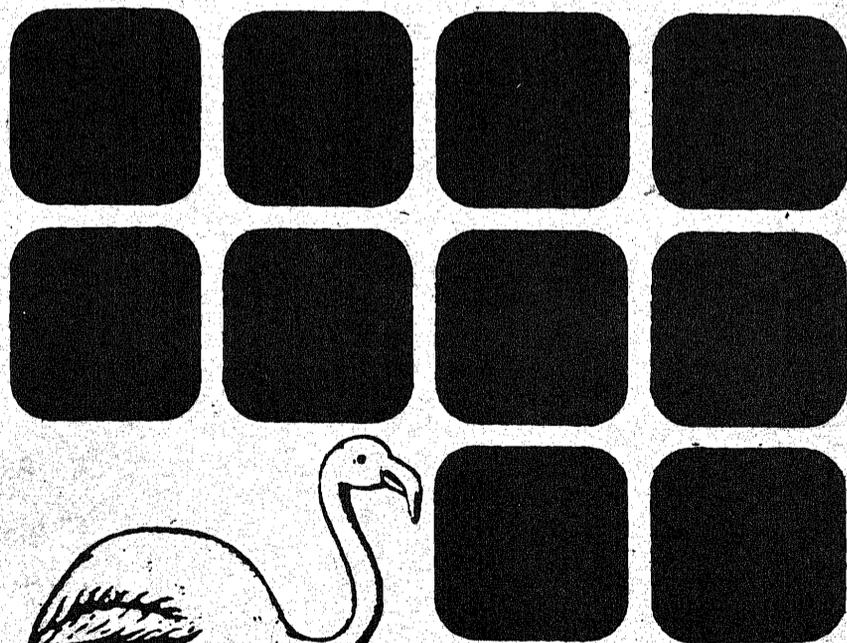
V SECOR LANÇA SEU PRIMEIRO COMPACTO

Será no dia 25 de agosto o dia do lançamento do 1º compacto duplo com músicas vencedoras dos Festivais da Canção dos anos anteriores.

O Compacto foi gravado em São Paulo na CAN CAN DISCO e conta com 4 gravações sendo duas sertanejas e duas populares. O trabalho feito pela gravadora foi excelente, em gravação stereo de 8 canais.

A V SEMANA CULTURAL DE ORLEAES começará dia 25 de agosto e tem seu término previsto para o dia 1º de setembro.

Prof. VALDEMAR MAZURANA  
PRESIDENTE



**Flamingo**  
BLUMENAU  
ITAPEMA  
FLORIANÓPOLIS

FUNDADO EM  
1947



FUNDADO EM  
1947

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE PROGRESSO

Registro de Firmas e Sociedade -  
Contabilidade - Declarações de  
Renda - Assistência Contábil e

Fiscal - Correção Monetária do  
Ativo Imobilizado - Consultas  
Correspondência (incl. alemã)

RUA XV DE NOVEMBRO, 550 - 14º ANDAR - CP. 259  
ED. CATARINENSE - FONE: 22-1827 - BLUMENAU-SC